

12

## **A literatura no ensino médio integrado: um encontro com Clarice Lispector**

*Jordane Lima Dias Oliveira*

*Miranilde Oliveira Neves*

### **Considerações iniciais**

Despertar no estudante o gosto pela leitura é tarefa árdua e quando o ensino é ofertado na modalidade Médio Integrado, a responsabilidade do professor aumenta, pois há uma carga horária excessiva, em geral, composta por mais de vinte disciplinas (Educação Básica + Ensino Técnico) por semestre letivo. Neste ínterim, encontra-se o professor de Literatura. Pensativo, analisa e reflete: o que fazer para que o discente reconheça a importância da leitura e da escrita nos diferentes contextos sociais? Como instigar o prazer em descobrir os caminhos proporcionados pela leitura? Frente a essas indagações, surge uma ideia: por que não apresentar a trajetória dos grandes escritores literários sob um viés diferente? Por que não percorrer uma passagem inversa em relação ao que muitos docentes de Letras têm feito na sala de aula? Esse trajeto seria o do conhecimento mais aprofundado do autor, antes de desvendar a obra e foi assim que nossos jovens leitores foram apresentados, dentre outros escritores, à fenomenal Clarice Lispector.

Com Clarice aprenderam a dor da saudade, a nostalgia das recordações, a descoberta do primeiro amor e o mais importante: aproveitaram bem a viagem: se descobriram como leitores e

escritores e souberam relacionar cada aprendizado ao cotidiano e hoje utilizam a literatura para se defender frente às adversidades da vida.

Durante as oficinas de textos que se desenvolveram em um Instituto Federal de Educação do Estado do Pará, trinta estudantes aprenderam que é larga a diferença entre ouvir, falar e conhecer os clássicos da Literatura Brasileira, em especial, a literatura feminina que nos ensina associar, discutir e refletir sobre os diferentes acasos que o cotidiano traz.

A metodologia utilizada tanto para o trabalho baseado, principalmente, na obra da escritora Clarice Lispector baseou-se nas sequências didáticas difundidas por Dolz, Noverraz, e Schneuwly (2004); como referencial teórico amparou-se, principalmente, no letramento literário de Cosson (2016), Zilberman (2012), dentre outros.

No decorrer deste artigo, serão conhecidos os caminhos que um jovem leitor percorre para reconhecer o valor da boa leitura. Aqui a apresentação do dia fica por conta de Clarice Lispector, então, abram-se as cortinas “a hora da estrela” chegou!

## **Leitura e letramento literário**

Muitos escritores já se debruçaram sobre o tema da leitura e do letramento literário, devido ao fato de esta ser uma temática de imensa importância, afinal, não se consegue inserção social sem leitura. Como já afirmou Cosson (2016), ela está presente da vida à morte.

Vamos, porém, investigar uma questão: muitos pais e professores sempre justificam que o discente não lê, quando lê, não gosta, não tem compromisso com a disciplina e por aí surgem muitas “desculpas” ou justificativas que culminarão, futuramente, em mais desmotivação por parte do estudante “descompromissado”. Uma questão, entretanto, deve fazer parte da reflexão do professor: como propagador da leitura e responsável

pelo letramento literário do alunado, o que estou a fazer para reverter esse quadro? Será mais difícil formar um discente-leitor ou um professor-leitor?

A formação de professores é uma das mais difíceis e ela é, indubitavelmente, uma das maiores responsáveis pelo desenvolvimento do processo de leitura em sala de aula.

No cenário do letramento literário, o professor deve protagonizar, ao lado de seus discentes, momentos em que a leitura seja vista como porta de entrada e de saída para o desenvolvimento das mais diversas práticas sociais promovidas pela escrita. Portanto, pode-se afirmar que, apesar de existirem diversas caracterizações para letramento, é no literário que está uma das maiores possibilidades de autonomia por parte de quem ensina e de quem aprende, já que há, claramente, uma resignificação daquilo que se lê e uma possibilidade de inovação de ideias, interpretações variadas e associações com o mundo secular.

Ser letrado literariamente, portanto, proporciona maior desenvolvimento da cultura a partir do conhecimento de autores e épocas diferentes e amplia consideravelmente as informações sobre a própria cultura, o que promove maior lucidez quanto aos valores adquiridos no meio social e visão crítica da realidade.

A formação do discente perpassa por várias etapas até a aquisição das aprendizagens essenciais de leitura e escrita, como, por exemplo, a aquisição da fala, desenvolvida no seio familiar antes mesmo de a criança ingressar na escola. A leitura e a escrita, aprendidas na alfabetização, constituem-se em uma necessidade para o letramento em qualquer âmbito. Após essa fase, o educando continua em contato com livros e textos ao longo de toda sua vida acadêmica, o que certamente promoverá um hábito diário. Esse é o ponto de vista e desejo de alguns professores, mas a realidade, diversas vezes prova o contrário.

Ao que parece, conforme o educando avança nas etapas escolares, decresce o gosto pela leitura, enquanto atividade de lazer e atualização, seja pela forma como se é abordada na escola, seja pela

falta de condições econômicas, que muitas vezes restringem as classes menos favorecidas do acesso aos livros. O fato é que, esse cenário, resulta no baixo rendimento dos estudantes em leitura, na modalidade oral ou escrita de sua língua materna, afirmação esta comprovada, sobretudo, nas séries iniciais do Ensino Médio quando os educandos não se sentem “capazes” de articular e organizar as ideias em textos.

Nota-se, com frequência, que esses estudantes aprendem a ler e a escrever, mas não desenvolvem o exercício da leitura e da escrita para realizar as práticas sociais, tais como: a leitura de jornais, revistas, preencher formulários, sentem dificuldades em redigir e-mails, cartas, textos argumentativos, dentre outros gêneros. Sobre esta questão Soares (2016) esclarece a distinção entre *alfabetizar* e *letrar*. O primeiro conceito diz respeito a tornar o indivíduo capaz de ler e escrever; o segundo, leva o indivíduo à apropriação da leitura e da escrita em suas práticas sociais e é sobre esse que temos que nos debruçar.

É importante ressaltar que a ausência do hábito da leitura impossibilita a participação mais crítica do homem sobre questões que envolvem o meio social, político e econômico, o que ocasiona dificuldades na comunicação escrita e em certos momentos oral, já que cada experiência adquirida pela apropriação da leitura, certamente promove o domínio do conhecimento em diversos âmbitos.

Nesse sentido, o professor de língua materna há de repensar estratégias de leitura escolar para além da decodificação ou análise gramatical descontextualizada (prática comum nas aulas). É preciso utilizar textos que se aproximem da realidade dos estudantes e os motive, para em seguida, sugerir atividades de construção de seus próprios textos escritos, como propõe Dolz (2004) ao destacar a necessidade de estabelecer um trabalho que valorize as diferentes situações de comunicação e que proporcione interações desenvolvidas entre o leitor e o texto e nesse sentido, o papel do professor é fundamental.

O trabalho sistemático com a língua pode e deve ser desenvolvido nas aulas de língua materna, pois o objetivo central é a comunicação tanto oral quanto escrita. Uma saída coerente e eficaz é utilizar as sequências didáticas, as quais facilitam práticas de linguagem, além de promoverem a apropriação de diversificados gêneros textuais, os quais são indispensáveis quando se estuda o processo de textualidade. (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004).

### **Clarice na teia da língua portuguesa**

A Língua Portuguesa descobriu Clarice ou Clarice descobriu a Língua Portuguesa? O casamento amoroso entre os dois começou bem cedo, como relata Clarice em seu livro de crônicas *A Descoberta do mundo*. Em suas reflexões, a escritora conversa com o leitor e desabafa:

[...] poderia ser brasileira nata. Fiz da Língua Portuguesa a minha vida interior, o meu pensamento mais íntimo, usei-a para palavras de amor. Comecei a escrever pequenos contos logo que me alfabetizaram, e escrevi-os em português, é claro. (LISPECTOR, 1999, p. 213.)

Nota-se, claramente, a influência da Língua Portuguesa na vida dessa ucraniana de nascimento, mas brasileiríssima na influência cultural e linguística – uma das mais admiradas escritoras, mesmo depois de décadas de sua morte.

A chegada ao Brasil com apenas dois meses de idade, se deveu à fuga de uma violenta perseguição aos judeus. Sua família estabeleceu-se em Recife, cidade citada em diversas de suas obras, retratando de forma memorialista as experiências vividas pela autora, principalmente, na infância.

Aos 15 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro com a família. Cursou direito na Universidade do Brasil e casou-se com Maury

Gurgel Valente. Morou fora do Brasil por dezesseis anos – Itália, Suíça, Inglaterra e Estados Unidos.

Clarice Lispector escreveu romances, contos, crônicas, cartas e novelas. Destaca-se, especialmente, pela forma “aparentemente” simples, mas a partir de escolhas e combinações lexicais que tornam o texto paradoxal e sedutor. *Perto do coração selvagem* (1943) foi o seu primeiro romance publicado e *A hora da estrela*, em 1977, o último publicado em vida.

### **O início da viagem clariciana: felicidade clandestina e o primeiro beijo**

Dentre os desafios enfrentados pelos professores na escola, o desenvolvimento da leitura pode ser considerado um dos principais. Ela mantém estrita relação com os demais conteúdos ministrados em todas as séries. Engana-se quem associa o papel de instruir na leitura apenas ao professor de Língua Portuguesa. Para entender Matemática, por exemplo, é necessário interpretar gráficos, tabelas, situações cotidianas, fazer uma leitura de mundo.

Uma das dificuldades da leitura, dentro da escola, é o fato de, geralmente, estar associada não ao fim a que o livro foi destinado: ser lido, mas sim ao livro didático, com recortes de poemas e ficção, além de interpretações técnicas que retiram a “essência” da obra. Com isso, perde-se a finalidade deste em detrimento de alcançar certa aprendizagem relacionada ao conteúdo que o professor deseje lecionar. Zilberman (2010, p. 112) afirma que uma das consequências disso é o “obscurecimento de sua origem – o livro de onde proveio, o patrimônio artístico e cultural a que pertenceu”. A literatura é separada, por assim dizer, do seu principal objetivo que é a experiência individual, um encontro entre o autor e o leitor.

Então, como promover no discente o gosto pela leitura e pela literatura? Cabe a nós, professores, encontrar maneiras de fazer acontecer. Não acreditamos em uma receita pronta que possa ser aplicada a qualquer texto. Contudo, cremos que o professor de

linguagens, sendo um bom leitor, será capaz de descobrir os melhores caminhos para fazer com que seus discentes passem a apreciar o ato de ler.

Os contos e crônicas de Clarice Lispector, dessa forma, surgiram como um desses caminhos para diversos estudantes que não haviam tido um encontro verdadeiro com a leitura não obrigatória, situação distinta do que, muitas vezes, a escola propõe.

Os contos escolhidos, inicialmente, partiram do livro *Felicidade Clandestina* (1998). Dentre os que foram trabalhados receberam destaque: “Felicidade Clandestina” e o “Primeiro Beijo”. Como muitos desses estudantes vêm à escola já com certo bloqueio de leitura de textos literários, eles foram escolhidos por tratarem de questões próximas à realidade dos adolescentes que frequentam o

Ensino Médio, a fim de estimulá-los ainda mais. Dessa forma, iniciemos com um resumo e em seguida com uma pequena análise dos referidos contos.

### **Felicidade clandestina: um texto apaixonante**

O conto, inicialmente publicado no jornal para o qual Clarice escrevia aos sábados, recebeu o primeiro título de “Tortura e Glória”; mais tarde foi publicado no livro *Felicidade Clandestina*, que reúne outros contos. Narra a história de uma garotinha cujo coração desejava ansiosamente um livro: *Reinações de Narizinho* do escritor Monteiro Lobato.

Com foco narrativo em primeira pessoa, a personagem descreve logo no início a diferença física e social entre ela, ou “nós”, e outra menina, que possuía um pai dono de livraria.

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos. Veio a ter um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria. (LISPECTOR, 1998, p. 9)

A personagem principal passa, então, a sofrer o que ela mesma metaforiza como uma “tortura chinesa”. Todos os dias, ia à casa da colega de escola tentar emprestar o livro, mas sempre obtinha a mesma resposta: que o livro houvera sido emprestado a outra menina, que então, ela voltasse no dia seguinte.

O “drama do dia seguinte” se repetiu por bastante tempo, até que a mãe da antagonista percebe a situação e empresta o livro “por quanto tempo quiser”. A menina leva o seu objeto de desejo e, de tão emocionada em tê-lo, simplesmente adia sua leitura, num “fingimento de não o ter, só para depois ter o susto de o ter”.

É nítido, no conto e em outros contos presentes em *Felicidade Clandestina*, que Clarice Lispector narra, de maneira simples, uma experiência autobiográfica de sua infância. A referência à cidade de Recife “onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas”, as divagações reflexivas sobre a sua infância, mescladas com o que sentira no momento da escrita; a paixão, desde menina, pela literatura, aponta ao leitor que se tratara dela mesma.

Quantas lições aprendemos com este conto! Poderíamos até imaginar: por que ela escolheu esse nome – clandestina? Mas ao término da leitura entenderemos tudo.

## **E o primeiro beijo?**

É outra leitura deleitosa. O nome do conto já instiga a atenção dos adolescentes. O texto inicia com uma narração típica do público juvenil: dois adolescentes apaixonados, recém-enamorados, conversam; quando a menina, invadida pelo ciúme, pergunta se o jovem já havia beijado alguém. Ele retoma suas lembranças sobre um episódio em que dentro de um ônibus, durante certa excursão, sente sede: “e mesmo a sede começara: brincar com a turma, falar bem alto, mais alto que o barulho do motor, rir, gritar, pensar, sentir, puxa vida! Como deixava a garganta seca.” (LISPECTOR, 1998, p. 157)



Conforme o tempo passa, uma sede “enorme, maior do que ele próprio” já o faz procurar desesperadamente uma fonte que lhe saciasse. Até que em uma curva inesperada, na estrada, o ônibus para. Ele desce em direção a um chafariz. Cola sua boca no local onde jorrava um filete de água. Só depois percebe que era a estátua de uma mulher e que de sua boca jorrava o “líquido vivificador de vida”. Então, deu por si que a havia beijado.

Diferentemente do conto “Felicidade Clandestina”, “O primeiro beijo” é narrado em terceira pessoa com um narrador onisciente.

Neste texto, estão presentes as características mais típicas de Clarice: o discurso indireto livre, que confunde o leitor em até que ponto temos o discurso de quem narra e os pensamentos e devaneios do personagem: “E se fechasse as narinas e respirasse um pouco menos daquele vento do deserto? Tentou por instantes, mas logo sufocava. O jeito era mesmo esperar, esperar. Talvez minutos apenas, talvez horas, enquanto sua sede era de anos”. (LISPECTOR, 1998, p. 158).

A linguagem dos contos é “aparentemente simples”, porém com combinações paradoxais, o que quebra a expectativa de representações pré-estabelecidas. Podemos perceber isto, por exemplo, no trecho “Estava de pé, docemente agressivo, sozinho no meio outros, de coração batendo fundo [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 159). Esses aspectos somam-se ao olhar direcionado a questões cotidianas. Situações simples do dia a dia tornam-se, de um momento a outro, dimensionais, como se o tempo fosse eterno. São, por assim dizer, experiências “epifânicas”.

Comum aos dois contos é o momento em que ambos vivem algo, como se fosse um ritual de passagem de uma fase de suas vidas a outra: em “Felicidade Clandestina”, a menina que junto ao seu “amante”, o livro *Reinações de Narizinho*, deixa de ser uma menina e passa a ser uma mulher. O mesmo ocorre com o personagem de “O primeiro beijo”, em que a partir da experiência com o toque de

sua boca à da estátua, fica perplexo, descobre uma nova vida: “ele...Ele se tornara homem.” (LISPECTOR, 1998, p. 159).

Pode-se, portanto, inferir, que a obra clariciana consegue, mesmo em pequenos contos, de uma maneira fortemente individual, tocar a todos que a leem. Os temas tratados podem ser lidos atemporalmente, pois Clarice exerce uma ruptura entre o fictício e o real, o que aproxima mesmo o leitor mais inexperiente.

### **Gêneros textuais escritos: por que escrever crônica?**

O trabalho desenvolvido com os discentes foi focado também em crônicas de Clarice e de outros escritores, pois conhecer gêneros diferentes possibilita ao estudante certo domínio da habilidade escrita e, principalmente, quando isso é feito de maneira espontânea, até certas dificuldades com questões gramaticais e ortográficas podem ser superadas. É o que defendem os escritores Ferrarezi Junior e Carvalho (2015) no livro *Produzir Textos na Educação Básica* – um aliado importante no processo de letramento literário dos discentes, visto que é necessário que o professor reflita sobre estas questões quando se tem algum propósito a ser alcançado a partir de uma produção escrita e o norte encontrado na obra direciona muito bem os objetivos pretendidos pelo professor.

A prática da escrita na escola deve ser um ato compromissado, com foco e encadeamento bem definidos, a fim de construir textos específicos. O trabalho com diversos gêneros textuais abre oportunidades para que os estudantes conheçam os mais variados textos que circulam socialmente, pois cada texto tem uma forma específica de ser e dizer, assim pontua Marcuschi (2008, p.154) ao afirmar que: “Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares”.

Assim sendo, são textos orais ou escritos, com estruturas relativamente estáveis utilizados nas diversas situações comunicativas.

O gênero textual crônica consiste numa produção breve sobre fatos do cotidiano. É um texto curto, escrito em linguagem comum ou familiar. É um gênero híbrido, na maioria das vezes de base narrativa.

A crônica está presente nos livros didáticos, contudo, não se utiliza com frequência em práticas de produção textual nos Ensinos Fundamental e Médio, apenas como leitura e compreensão textual. Em geral, privilegia-se o conto ao se trabalhar a tipologia narrativa. Este é um dos motivos da importância de se trabalhar esse gênero aproximando o discente primeiramente de sua leitura e posteriormente da sua produção.

Não constitui tarefa difícil inserir esse gênero na escola, pois o fato de a crônica ter em seu âmago características que se aproximam do dia a dia de qualquer estudante, permite a este sentir-se inserido no mundo da leitura e, indubitavelmente, este é o primeiro passo sobre como implantar o desejo de conhecer o gênero – lendo-o.

Há, na nossa Literatura, uma gama de autores que inspiram estudantes, docentes e qualquer leitor ávido por conhecimento a penetrar nesse mundo enigmático das palavras – eis aqui uma responsabilidade do professor formador: permitir que os estudantes percebam o quanto podem aprender para a vida e para a profissão futura: a crônica permite maior análise reflexiva e refletir para posteriormente refutar ideias e lutar por uma sociedade mais igualitária, deve ser preocupação do currículo escolar – com a aprendizagem da crônica essa tarefa torna-se mais fácil de ser executada.

Por ser uma atividade de cunho social, a leitura torna-se uma ferramenta importante, na perspectiva sociointeracionista da linguagem – interação necessária no ensino-aprendizagem da crônica, já que este gênero, praticamente mantém uma conversa

com o leitor, instigando-o a prosseguir na leitura e a conhecer melhor este e outros gêneros.

No processo de escritura dos textos, o educando vai ressignificando seus conhecimentos em nível pessoal, pois toma posse da história e cotidiano do meio em que vive e em nível escolar, porque ao ler, escrever, reescrever e criar outras histórias, ele é conduzido, automaticamente, à sociedade dita letrada, como destaca Soares (2017, p. 117): “Os efeitos, na escola, das relações entre linguagem e classe social não se restringem à área da língua materna”.

Nota-se que há muitos motivos para que a crônica seja ensinada na escola – motivos diversos que ultrapassam os seus muros.

### **Percurso metodológico**

Com apoio de Dolz, Gagnon e Decândio (2010) que defendem a utilização de sequências didáticas, desenvolveu-se pelo período de 06 (seis meses) o projeto “Oficinas de Textos”, o qual contemplou 30 (trinta) estudantes do Ensino Médio Integrado de diferentes cursos técnicos de um Instituto Federal de Educação do Pará, localizado no interior do Estado do Pará e teve como foco o conhecimento de obras e autores da Literatura Brasileira, em especial, Clarice Lispector.

A escolha por sequência didática deveu-se ao fato de ela permitir maior reflexão e domínio sobre a prática da escrita, uma vez que não exige do alunado a construção imediata do texto escrito, mas apresenta um planejamento organizado de maneira detalhada e que vai permitir uma produção com maior domínio e segurança da língua escrita.

As atividades apresentadas neste trabalho representam apenas algumas das oficinas. As demais seguiram o mesmo estilo, alternando-se apenas autores e questões diversificadas (no que

concerne ao desenvolvimento da leitura e da escrita) que surgiram durante o projeto.

As primeiras atividades (oficinas sobre contos) seguiram a sistematização descrita abaixo:

**1º Passo: Reflexões sobre a importância da leitura** – A primeira atividade proposta teve como temática: “A leitura precisa ser minha maior aliada na escola e na vida!”. Nesta oficina, houve a preocupação em sensibilizar os discentes para a necessidade que cada um de nós tem de conhecer diferentes escritores e valorizar a leitura como suporte à vida secular e acadêmica. Inicialmente, solicitou-se um relato sobre lembranças dos primeiros contatos e experiências com a leitura desde a infância. No decorrer da oficina, foram exploradas visões de personalidades de destaque no cenário mundial que conseguiram realizar tudo o que planejaram na vida, devido à valorização da leitura. Um dos exemplos citados foi do empresário Bill Gates e do escritor Machado de Assis. Ao longo desta oficina, os discentes desenvolveram várias atividades que remeteram à defesa e importância da leitura em variados contextos de aplicação.

**2º Passo: Compreensão do conceito de gênero literário** – Ainda na primeira oficina de texto foi estudado o conceito de gênero literário e explicadas as características, principalmente, do conto e da crônica. Durante o diálogo, os discentes puderam tirar dúvidas sobre os dois gêneros.

**3º Passo: Conhecimento da vida pessoal e acadêmica de Clarice Lispector com apresentação de trechos biográficos da obra *A descoberta do mundo*** – nessa fase, foi apresentada a escritora Clarice Lispector. Para a adequada compreensão dos estudantes, foram utilizados vídeos e trechos de livros e da biografia da escritora para os discentes.

**4º Passo: Pesquisa de textos de Clarice Lispector no laboratório de informática** – na oficina que apresentou Clarice aos discentes, eles foram incentivados a ir ao laboratório de Informática do Instituto a fim de pesquisarem mais sobre a escritora e coletar o máximo possível de informações sobre sua vida e obra. Após a pesquisa, os estudantes reuniram-se em círculo na sala de aula para discutirem que informações conseguiram encontrar, se houve informação contraditória em relação às pesquisas de outros discentes e assim por diante.

**5º Passo: Leitura e debate sobre questões levantadas em obras de Clarice** – Uma nova oficina foi organizada para dar continuidade à

anterior e nela o destaque foi para a leitura, reflexão e debate sobre textos de Clarice Lispector e sua relação com o cotidiano dos discentes.

**6º Passo: Performance dos contos: O primeiro beijo, Uma galinha, Felicidade clandestina, As três experiências e Uma Iara perigosa** –

Esta oficina promoveu a liberdade de executar performances de vários textos de Clarice e os discentes se divertiram bastante durante o ensaio e apresentação das peças improvisadas durante a oficina. Ao final das apresentações, cada estudante avaliou o que conseguiu captar com os textos lidos e compartilharam pontos em comum e divergências entre os contos estudados.

**7º Passo: Produção textual de contos a partir das obras estudadas** –

Nessa oficina, o foco foi a produção – um processo demorado e que demandou uma atenção especial por parte das professoras ministrantes, mas que, ao final, capturou o que de melhor os discentes puderam alcançar com a escrita.

**8º Passo: Análise dos contos produzidos** –

após a produção, cada estudante, em círculo formado na sala de aula, leu e ouviu opiniões sobre o texto produzido. O próprio elaborador do texto e os colegas deram opinião sobre as características presentes ou não nos textos e, ao final, as professoras fizeram suas observações.

**9º Passo: Autoavaliação do desenvolvimento da aprendizagem, a partir dos conteúdos aprendidos durante as oficinas** –

a última oficina sobre os contos de Clarice culminou com um processo avaliativo do qual todos fizeram parte: estudantes e professoras. Nesse processo, foi possível acompanhar a evolução de cada estudante durante o percurso das oficinas.

**10º Passo: Desvendando os segredos do Gênero Crônica** –

Nas primeiras quatro oficinas, os estudantes foram instigados a conhecer o gênero estudado através da leitura de algumas crônicas de renomados escritores da Língua Portuguesa: Carlos Drummond de Andrade, Ruben Braga, Cony, dentre outros. Também se levantou questionamentos sobre onde circulam os textos desse gênero, a linguagem simples, os assuntos tratados e como foram descritos.

No segundo encontro para trabalhar a crônica, os participantes se dividiram em grupos e receberam as seguintes perguntas sobre o lugar onde vivem: O que mais chama a sua atenção na cidade? Quando você pensa em sua cidade, qual é o seu lugar favorito? Como você descreveria sua infância na sua cidade? O que você fazia nos fins de semana para se divertir na sua cidade?

O que diferencia a sua cidade de todas as outras? Esses questionamentos proporcionaram aos participantes a oportunidade de executar com desenvoltura a tarefa que viria a seguir: aguçar o olhar para os fatos cotidianos, a fim de construir sua própria crônica.

Com a intenção de resgatar elementos da memória e cultura local, os discentes visitaram os pontos mais significativos da cidade, entrevistaram moradores antigos, consultaram familiares, em especial, os avós, pesquisaram um pouco da história local, fotografaram paisagens, a fim de construir a “voz do cronista”.

No último encontro desta etapa, os participantes socializaram suas experiências cotidianas, as pesquisas realizadas em campo e definiram a temática sobre a qual o texto seria produzido. A partir desse momento, estavam aptos a realizar a etapa seguinte: a primeira produção do gênero agora em foco – *A crônica tão esperada*.

**11ª Passo: A primeira crônica – Continuação da viagem pela escrita –**

O próximo passo foi escolher o acontecimento que daria início ao texto, o tom que adotariam – poético, humorado, crítico – em seguida, cada um escreveu a primeira versão do texto.

A primeira produção é muito significativa, pois a partir dela o professor terá o diagnóstico da bagagem já trazida pelo discente e as principais dificuldades enfrentadas. A partir de então, poderá planejar as próximas oficinas.

**12º Passo: Demais oficinas – enriquecendo a crônica –**

Nas etapas seguintes, os professores auxiliaram os estudantes no aprimoramento do texto, através de conteúdos linguísticos como: figuras de linguagem, narrador, a construção dos discursos direto, indireto e indireto livre, a conversa com o leitor – característica essencial da crônica – além de orientar cada um dos estudantes, oferecendo ferramentas para a progressão e aperfeiçoamento da produção.

É válido ressaltar que, nessa etapa, alguns dos participantes desejaram mudar a temática da crônica, pois conforme foram se apropriando do gênero, surgiram novas ideias e assim se tornaram autônomos em suas próprias produções – importante exercício preparatório para a produção final.

**13º Passo: Reescritura – Momento de aprimorar a produção** - Uma tarefa condutora para uma excelente apropriação do gênero é a reescritura do texto. As atividades desenvolvidas durante as oficinas provam a importância de valorizar as informações já escritas e reescrevê-las como processo reflexivo de aprendizagem.

**14º Passo: A Produção Final** - Após todos os passos seguidos durante a preparação da crônica, finalmente chegou-se à produção final: um texto coeso e coerente com todas as qualificações adotadas para o gênero estudado. Notou-se mudança de visão por parte de cada participante do projeto e pôde-se observar maior interesse não apenas pelo gênero crônica, mas os aprendizes se interessaram também por outros gêneros como o artigo de opinião, a dissertação argumentativa, a carta argumentativa, dentre outros.

## Resultados

Os resultados demonstraram que a aprendizagem dos gêneros conto e crônica foi satisfatória, uma vez que os estímulos gerados durante as oficinas de textos levaram os participantes a obter autonomia e criatividade em suas produções, na medida em que passaram a ler, reler, revisar e reescrever seus textos.

Em relação à adequação discursiva, os textos passaram a abordar aspectos da realidade local, como pode-se verificar nos exemplos abaixo:

Sou a prova viva de tudo isso, admiradora do meu lugar. Chamo-me Yoki – pássaro azul ou chuva. Pequeninha de cabelo liso e preto, olhos puxados, de pele morena, detentora de um gênio forte e filha de cacique.

Índia enraizada, expectadora de suas transformações. Descalça vivi diversas aventuras juntamente com Chico o macaco de criação do meu pai. (Estudante R.C).



Esta era uma das propostas estabelecidas durante o trabalho de produção da crônica: permitir que os estudantes transmitissem suas experiências locais e a visão que tinham da cidade onde moram, representada em seus textos.

Outro aspecto importante – ainda no âmbito da adequação linguística, deve-se ao fato de cada produtor textual saber distinguir adequadamente o tipo de crônica produzida – no caso dos estudantes participantes da pesquisa, o gênero mais elaborado foi a crônica narrativa, como é possível comprovar no trecho que segue:

Enquanto a usina ainda não estava pronta, havia um carro de som que passava nas ruas falando para os moradores arrumarem seus pertences, pois logo teriam que sair dali.

Assim que a construção acabou, algumas pessoas se recusaram a sair de suas casas e quando a água foi solta, elas acabaram morrendo afogadas por amor à sua terra. (Estudante A.S.M).

Narrar é uma das características que marcam de forma mais significativa a crônica. Logo, o fato de optar-se por narrativa, corroborou o caminho certo para a aprendizagem de mais esse gênero textual.

Em relação à adequação linguística foi possível observar que os recursos linguísticos selecionados pelos estudantes, como: vocabulário, figuras de linguagem, dentre outros, contribuíram para a construção do tom visado: ora irônico, ora divertido, lírico e principalmente crítico. Além disso, os articuladores textuais foram utilizados adequadamente ao gênero escolhido, o que permite dizer que foram produzidos textos coesos. O exemplo abaixo evidencia isso:

Sou privilegiada, pois tenho um amigo cuja mãe trabalha lá, tia Índia, vende farinha de mandioca, confesso que é uma das melhores e tem um gosto muito bom. Meu pai e eu adoramos. Outra comida que gostamos é o Tucunaré com açaí que é vendido na feira. (Estudante L.C. L).

Quanto às marcas de autoria, foi notório nos textos produzidos, o posicionamento dos autores com um olhar próprio e peculiar sobre algo cotidiano e conhecido.

As ideias e conteúdos apresentados foram organizados de maneira a atrair, fazer refletir, mobilizar e criar cumplicidade com o leitor. A opção pela mesclagem dos discursos direto e indireto também contribuiu para o desenvolvimento dessa questão.

Os resultados obtidos por meio do projeto foram alcançados de forma satisfatória, pois as potencialidades de leitura e produção de textos dos discentes ampliaram-se. Diversas questões trabalhadas durante o processo de aquisição do letramento literário destacaram-se e hoje já se pode corroborar que fazem parte do cotidiano do alunado, como: o estímulo, a reflexão e o gosto pela leitura, a produção de textos com qualidade e domínio de conteúdo. Além disso, notou-se uma acuidade em relação ao planejamento de uma produção textual, execução e revisão adequada de outros gêneros textuais, o posicionamento mais crítico em relação a temas e a defesa de seu posicionamento.



Encerramento do projeto  
Fonte: arquivo da Instituição

O projeto ampliou os conhecimentos em Língua Portuguesa e Literatura, mas também marcou profundamente cada um dos estudantes. É importante destacar que nem todas as dificuldades foram superadas, mas um importante passo foi dado para que os discentes reconhecessem suas necessidades e buscassem ampliar seus estudos no que tange à prática da leitura e da escrita e à consolidação do Letramento Literário.

### **Considerações finais**

A partir dos resultados obtidos durante a pesquisa, confirmou-se que os textos de Clarice Lispector despertaram os discentes para um contato mais efetivo com a leitura. O fato de conhecer a biografia da autora de forma interativa, relacionar a fatos contidos nos textos a questões do cotidiano, mostrou o quanto nossos estudantes cresceram em termos de compreensão e construção textual.

A escrita foi consideravelmente modificada. Traços literários, uso de metáforas passaram a fazer parte da escrita dos jovens leitores. Os participantes do projeto conseguiram identificar os gêneros crônicas e contos e ampliarem seus conhecimentos quanto à adequação linguística e discursiva, logo, houve, um aprimoramento da produção textual.

Em relação à construção argumentativa, verificou-se uma organização mais adequada dos argumentos e elaboração de estratégias capazes de captar a atenção do leitor, o que resultou em textos transmitidos de forma compreensiva e com uma boa aceitabilidade.

A pesquisa não se encerrou com o fim do projeto, ao contrário: foi apenas o primeiro passo rumo à uma aprendizagem com mais significados e ressignificações.

Ao final dos trabalhos realizados, os estudantes fizeram uma autoavaliação e confirmaram que foram incentivados para ler e produzir por um viés que perpassa pela reflexão e realidade local.

Pode-se comprovar que não existem fórmulas, não há receitas prontas, o que o estudante do Ensino Médio precisa é de ação – atualizar-se, praticar com mais afinco o seu código verbal – a Língua Portuguesa, seja na oralidade ou na escrita, aprimorar sua leitura e tomar conhecimento das normas necessárias a cada gênero de produção – questão discutida durante a construção do projeto e executada, na medida do possível.

Trabalhar com sequência didática proporcionou maior aprofundamento e apropriação do gênero estudado. A socialização das produções dos discentes permitiu um processo mais interessante e motivador, o que levou os participantes a uma construção coletiva do gênero textual estudado, na medida em que puderam debater a temática escolhida, sugerir novas situações, corrigir uns aos outros e, assim, organizar a escrita.

Portanto, pode-se considerar que a leitura e a escrita certamente se constituem fatores determinantes quando o assunto é ter autonomia para lutar em favor de direitos muitas vezes negados àqueles que por eles não batalham pelo fato de desconhecerem ou mesmo não se sentirem capazes de elevar a sua voz na busca por respostas que satisfaçam suas expectativas em meio a tanta desigualdade social e cultural no mundo em que vivemos. Um cidadão completo é aquele que lê, conhece e argumenta, portanto, proporcionar a aprendizagem da crônica na escola ou de qualquer outro gênero textual, é abrir alas para que esse sujeito se complete no momento em que conhece a literatura da sua região, do lugar onde vive.

## Referências

AMARAL, E. **Para amar Clarice: como descobrir e apreciar os aspectos mais inovadores de sua obra**. Barueri, SP: Faro Editorial, 2017.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

DOLZ, J; GAGNON, R; DECANDIO, F. R. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem.** Campinas, SP: Mercado de letras, 2010.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, N. e SCHNEUWLY, B. **Sequências Didáticas para o oral e a escrita:** apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Gêneros textuais e escrita na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

FERRAREZI JUNIOR, C; CARVALHO, R. S. **Produzir textos na educação básica:** o que saber, como fazer. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

LISPECTOR, C. **A Descoberta do Mundo.** Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. **Felicidade Clandestina:** contos. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOARES, M. **Linguagem e escola** – uma perspectiva social. São Paulo: Contexto, 2017.

\_\_\_\_\_. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

ZILBERMAN, R. **A Leitura e o ensino da Literatura.** Curitiba: Ibipex, 2010.